

# Idosos violentados em Marromeu

RODRIGUES LUÍS

**A VIOLENCIA contra a pessoa idosa já colocou o distrito de Marromeu como o mais perigoso na província de Sofala.**

FOTOS DE A. GOMBE



Entrada da vila-sede de Marromeu



Idosas abandonadas. Muitas são acusadas de feitiçaria

Os preconceitos supostamente construídos por praticantes de medicina tradicional empurram a nova geração a desenvolver o ódio contra as pessoas da terceira idade, às quais são atribuídos todos os infortúnios que se registam nas comunidades.

É assim que a pessoa idosa vive em Marromeu, com o coração nas mãos, porque nunca sabe se não será a próxima vítima acusada de feitiçaria, uma prática bastante enraizada naquele distrito.

Qualquer infortúnio que se registre no seio de uma família em que haja um idoso será ele o suspeito primário. Ou seja, onde haja uma pessoa de terceira idade "não deve" ocorrer qualquer falecimento, acidente, desemprego, economias baixas, insucessos na escola ou no serviço, impotência sexual, alcoolismo e má gestão de recursos financeiros, pois tal será imediatamente imputada a ela.

O idoso, que noutras esferas é considerado uma biblioteca, naquele distrito é objecto de desprezo e alvo de eliminação física. Todos os anos, muitos idosos são assassinados em Marromeu. Algumas vezes são incendiados em suas próprias casas, outras

espancados até à morte.

Os autores, muitos deles membros da família, nem sequer demonstram qualquer arrependimento, porque estão absolutamente convencidos de que o idoso é fonte de todo o mal que os afecta.

## IDOSOS TOMAM A PALAVRA

UMA idosa que escapou a uma tentativa de linchamento orquestrada pelos seus próprios netos, no regulado de Bauaze, Minória Cumbucane, revelou à nossa Reportagem que a sua vida começou a conhecer baixas, quando os filhos do seu primogénito começaram a viver momentos conturbados devido à pobreza.

"Nunca fui feitiçeira e nem sei como se faz isso, mas fiquei surpreendida, quando os meus

próprios netos me torturaram. Um deles tentou mesmo matar-me por asfixia. Eles alegavam que eu era culpada de toda a desgraça na família", explicou Minória, idosa que não conhece a sua idade.

Por causa da agressão, um dos netos chegou a ser detido no Comando Distrital de Marromeu, nos finais de 2015, e o agressor teria sido posto em liberdade depois de pagar uma caução.

Minória, de aparentemente 80 anos de idade, explicou-nos que apoiou a soltura do seu neto porque a situação poderia agudizar-se, pois toda a família aumentaria a sua ira contra si.

"Eu só rezo a Deus para me levar, porque, enquanto estiver viva, serei alvo de maus tratos por parte dos meus familiares. Até já pensei em me enforcar, mas na nossa tradição, quando alguém põe termo à sua própria vida, pode perpetuar os mesmos episódios na família. Mas devo dizer que nem todos são maus, os

não conseguem colher algo na vida e correm para os curandeiros e acabam nos acusando de feitiçaria. Mas eu não sou feitiçeira. A minha família lança todas as culpas dos seus insucessos. Eu não tenho nada a ver com a falta de sorte dos meus netos, que não fazem nada, nem machamba, nem pesca e nem cortar cana. Apenas ambicionam trabalhar nos escritórios, sem nunca terem estudado. Agora, pergunto: sou eu quem cria azar para eles?", questionou.

Minória contou-nos com certa melancolia ter perdido pelo menos cinco amigas e primas, mortas pelos próprios familiares.

Outra pessoa da terceira idade, de nome Chassassa António, a quem o nosso guia nos conduziu a contactá-la, revelou ter sido também acusada pelas sobrinhas, filhas da prima, como sendo feitiçeira, por causa dos seus insucessos na vida.

"Os meus filhos estudaram um pouco e conseguiram emprego,

mimou os filhos e já crescidos passaram o tempo a beber e a não se importarem com o emprego. Agora me acusam de ser mentora da sua desgraça".

Contou que foi levada a uma acareação com os curandeiros acusada de ser responsável por uma sua sobrinha não conceber.

"Pelo que sei, a minha sobrinha fez muitos abortos na sua adolescência e agora que não concebe eu é que sou feitiçeira. Já fui espancada pelos meus familiares por causa disso. Eu penso que o governo tinha que nos defender. Eu culpo os curandeiros que andam a induzir as pessoas. Se não fossem os meus vizinhos, eu já teria morrido. Não gosto de falar sobre isso porque me entristece", desabafou Chassassa, que se orgulha por ter conseguido fazer crescer os seus cinco filhos que estão todos a trabalhar.

A nossa entrevistada congratulou-se porque no seio dos

seus filhos nunca foi acusada de qualquer acto de feitiçaria, mas desconfia que uma das noras esteja preparando "uma acusação".

"Apenas desconfio de uma das minhas noras que vive fora daqui, em Marromeu, que chegou numa noite, na minha casa, sem avisar, mas antes a vi atirar coisas na porta e depois pediu licença. Quando a recebi, ela afirmou que todos não estão bem em casa, por causa de febres que nunca paravam. Trouxe, entretanto, capulanas, sabão, bebidas espirituosas e dois lençóis, um branco e outro vermelho. Ela pediu-me para que a perdoasse e à sua família, por eventuais ofensas. Eu recebi a encomenda e não perguntei para não criar um mal-estar. Depois liguei para o meu filho a perguntar sobre o significado do gesto da esposa, ao que me respondeu para ficar calma".

José Lenço, de 42 anos de idade, residente em Marromeu, de-

fendeu que a superstição naquele distrito está na origem de muita violência contra a pessoa idosa.

Declarou ter perdido a sua avó paterno há seis anos vítima de incêndio, que se provou ter sido fogo posto.

"Até agora não sabemos quem foi a pessoa que cometeu tal crime. No entanto, temos conhecimento que pode ser alguém que desconfiasse que a nossa avó estivesse envolvida com qualquer coisa ligada à superstição. Aquilo foi incrível. Aqui em Marromeu há muita intolerância contra idosos. É porque a superstição está enraizada em todos. Até as igrejas também beneficiam das actividades de bruxaria, pois atraem mais crentes", declarou Lenço.

Lenço descarta, entretanto, a possibilidade de terem sido os membros da sua família que assassinaram a sua avó. "Se fosse isso teríamos sabido".

O nosso interlocutor também

acusou os curandeiros de estarem a incitar a violência contra os idosos. Contou que, certa vez, foram a uma praticante de medicina tradicional fazer algumas consultas sobre a vida da família.

Segundo ele, ficaram espantados porque a curandeira lhes instruiu a comprarem uma capulana para a avó, porque ela estava zangada.

"Aí, nós só questionámos: como é possível comprar capulana para uma pessoa que já morreu? Mas não perguntámos a ela para não lhe tirar a autoridade espiritual, mas notámos que ela estava equivocada. É desta maneira que incitam à violência, porque se a tal vovó estivesse viva, nós cairíamos em cima dela, com a alegação de que era a responsável pelo nosso insucesso na vida. Os curandeiros aqui em Marromeu metem muita água. Precisam de serem ensinados a saber trabalhar para não atrapalharem as pessoas", opinou.



económicas baixas, insucesso na escola ou no serviço, impotência sexual, alcoolismo e má gestão de recursos financeiros, pois tal será imediatamente imputada a ela.

O idoso, que noutras esferas é considerado uma biblioteca, naquele distrito é objecto de desprezo e alvo de eliminação física. Todos os anos, muitos idosos são assassinados em Marromeu. Algumas vezes são incendiados em suas próprias casas, outras

uma casa que escapou a uma tentativa de linchamento orquestrada pelos seus próprios netos, no regulado de Bauaze, Minória Cumbucane, revelou à nossa Reportagem que a sua vida começou a conhecer baixas, quando os filhos do seu primogénito começaram a viver momentos conturbados devido à pobreza.

"Nunca fui feiticeira e nem sei como se faz isso, mas fiquei surpreendida, quando os meus

Minória, de aparentemente 80 anos de idade, explicou-nos que apoiou a sultura do seu neto porque a situação poderia agudizar-se, pois toda a família aumentaria a sua ira contra si.

"Eu só rezo a Deus para me levar, porque, enquanto estiver viva, sei o alvo de maus tratos por parte dos meus familiares. Até já pensei em me enforcar, mas na nossa tradição, quando alguém põe termo à sua própria vida, pode perpetuar os mesmos episódios na família. Mas devo dizer que nem todos são maus, os malandros são aqueles que não estudaram, passam a vida a beber,

pergunto: sou eu quem cria azar para eles?", questionou.

Minória contou-nos com certa melancolia ter perdido pelo menos cinco amigas e primas, mortas pelos próprios familiares.

Outra pessoa da terceira idade, de nome Chassassa António, a quem o nosso guia nos conduziu a contactá-la, revelou ter sido também acusada pelas sobrinhas, filhas da prima, como sendo feiticeira, por causa dos seus insucessos na vida.

"Os meus filhos estudaram um pouco e conseguiram emprego, uns em Quelimane e outros na Beira e Chimoio. A minha prima

eu é que sou feiticeira. Já fui espancada pelos meus familiares por causa disso. Eu penso que o governo tinha que nos defender. Eu culpo os curandeiros que andam a induzir as pessoas. Se não fossem os meus vizinhos, eu já teria morrido. Não gosto de falar sobre isso porque me entristece", desabafou Chassassa, que se orgulha por ter conseguido fazer crescer os seus cinco filhos que estão todos a trabalhar.

A nossa entrevistada congratulou-se porque no seio dos

causa de febres que nunca paravam. Trouxe, entretanto, capulanas, sabão, bebidas espirituosas e dois lençóis, um branco e outro vermelho. Ela pediu-me para que a perdoasse e à sua família, por eventuais ofensas. Eu recebi a encomenda e não perguntei para não criar um mal-estar. Depois liguei para o meu filho a perguntar sobre o significado do gesto da esposa, ao que me respondeu para ficar calma".

José Lenço, de 42 anos de idade, residente em Marromeu, de-

estivesse envolvida com qualquer coisa ligada à superstição. Aquilo foi incrível. Aqui em Marromeu há muita intolerância contra idosos. É porque a superstição está enraizada em todos. Até as igrejas também beneficiam das actividades de bruxaria, pois atraem mais crentes", declarou Lenço.

Lenço descarta, entretanto, a possibilidade de terem sido os membros da sua família que assassinaram a sua avó. "Se fosse isso teríamos sabido".

O nosso interlocutor também

é possível comprar capulana para uma pessoa que já morreu? Mas não perguntámos a ela para não lhe tirar a autoridade espiritual, mas notámos que ela estava equivocada. É desta maneira que incitam à violência, porque se a tal vovó estivesse viva, nós cairíamos em cima dela, com a alegação de que era a responsável pelo nosso insucesso na vida. Os curandeiros aqui em Marromeu metem muita água. Precisam de serem ensinados a saber trabalhar para não atrapalharem as pessoas", opinou.

SÉRGIO NUNES, JUIZ

## Homicidas nunca se arrependem

OS casos de violência baseada no género e contra a pessoa de terceira idade são muito frequentes em Marromeu, segundo explicou o juiz Sérgio Nunes, que durante dois anos trabalhou naquele distrito, a Norte da província de Sofala.

Abordado a propósito pelo nosso Jornal, Sérgio Nunes fez saber, entretanto, que os indiciados nos casos de homicídios contra pessoas idosas confessam, mas não mostram qualquer remorso nem arrependimento.

Conta o juiz que enquanto trabalhou em Marromeu muitos dos indiciados jovens afirmavam que a sua vida não corria bem devido ao feitiço supostamente lançado pelos seus progenitores.

"Por incrível que pareça, muitos nunca manifestaram qualquer arrependimento e diziam que a sua vida não andava bem por causa do feitiço lançado por sua vítima. Outros chegavam mesmo a dizer que se tivessem oportunidade voltariam a cometer o crime", explicou, avançando que as pessoas indiciadas na prática de homicídios e outros tipos de crimes de ofensas corporais falavam com a convicção de que a sua acção estava certa.

Para aquele magistrado judicial, o distrito de Marromeu é um caso de estudo, porque algumas pessoas acreditam cegamente no que ouvem de alguns praticantes de medicina tradicional e logo se lançam na prática de crimes até hediondos.

"Uma das pessoas que agrediu a sua mãe disse-me que foi ao curandeiro e viu no espelho a sua progenitora a preparar-se para praticar um acto de feitiçaria", contou o juiz.

Acrescentou que o tal jovem que agrediu severamente a sua mãe era um delinquente por tendência conhecido naquele distrito, mas que, no entanto, notava que a sua vida não corria bem por causa da pessoa que o trouxe ao mundo.

O nosso entrevistado recordou que aquele distrito estava no topo em termos da prática de casamentos prematuros e relações envolvendo professores e alunas, mas depois de um trabalho aturado realizado por várias instituições, incluindo da Administração da Justiça, a qual fez parte, conseguiu-se minimizar o problema, que era uma grande ameaça ao desenvolvimento da nova geração no distrito.

## AMETRAMO REAGE Não incitamos à violência



ENTRETANTO, a direcção da Associação dos Praticantes de Medicina Tradicional em Moçambique (AMETRAMO), em Sofala, distanciou-se das acusações relacionadas com a prática de incitação à violência.

O vice-presidente e o secretário provincial da agremiação, Daniel da Costa e Mapedje Nhone, respectivamente, afirmaram que os curandeiros não expõem as pessoas, mas promovem a aproximação e o diálogo para se ultrapassarem os problemas.

Daniel da Costa defendeu que o feitiço existe, como também há feiticeiros.

Referiu que no exercício da sua actividade há certos parâmetros que os seus membros devem conhecer sob pena de fazerem acusações infundadas, até porque mesmo que se descubra um feiticeiro, a ética profissional impede que se revele. Aconselha-se a busca da cura envolvendo as partes envolvidas.

"Parece difícil compreender o que estamos a explicar. O que acontece é o seguinte: por exem-

plo, a sua mãe, quando estiver insatisfeita com alguma coisa, ela passa a lamentar. Nesse processo, os espíritos dos antepassados automaticamente reagem e vão ao encontro do visado. Quando algo correr mal e se por ventura consultar o curandeiro, as pedras ou os ossos poderão revelar que as causas deste problema estão com a sua mãe, mas no fundo, não é ela quem fez feitiço", explicou Daniel da Costa.

Avançou que muitas vezes as reacções das pessoas são incontrolláveis a ponto de causar distúrbios. Os apelos da AMETRAMO, conforme explicou, são no sentido do diálogo. Os curandeiros convocam as pessoas envolvidas para sentarem e ultrapassarem os problemas.

"Quem pensa que matando o idoso ou membro da família ou qualquer outra pessoa é ultrapassar os problemas está enganado, a situação agudiza-se e afectará gravemente a futura geração. A única solução é o diálogo, e é isso que nós defendemos", explicou o secretário provincial da AMETRAMO, Mapedje Nhone.



Chassassa António acusada de feiticeira



José Lenço: minha avó foi assassinada

ADMINISTRADOR JOAQUIM AROTA

## Estamos a estancar a situação



NELSON MODA, DA COMUNIDADE SANT'EGÍDIO

## Falta amor e afecto pelo idoso

O REPRESENTANTE da Comunidade Sant'Egídio em Sofala, Nelson Moda, defendeu que a situação que ocorre em Marromeu revela a falta de transmissão de cultura de vida de geração para geração.

A Comunidade Sant'Egídio é uma organização que presta caridade a pessoas de terceira idade que não encontram amparo

nas suas famílias. No distrito de Marromeu, o organismo já acolheu centenas de pessoas deste grupo social que escaparam a linchamentos e outros tipos de maus tratos.

Segundo o nosso entrevistado, se tivesse havido a transmissão do amor e afecto pelos idosos nada disto estaria a acontecer, pois muitos naquele distrito olham

para o idoso como descartável ou maldição, razão pela qual alguns recorrem ao linchamento para se livrarem. Moda apelou para que as comunidades comessem a trabalhar no sentido de consciencializar a nova geração para respeitar a pessoa idosa.

"Se considerarmos o idoso como maldição, estaremos a

condenar o futuro. Se matamos o passado não teremos o futuro, isso quer dizer que se matarmos os idosos significa que estamos a construir uma sociedade sem referências, sem fonte para buscar valores. Matar o idoso é ingratitude à vontade de Deus, segundo o apóstolo João", referenciou o nosso interlocutor.

